



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CONTRIBUIÇÕES DE MARX E ENGELS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO

Flavio Pereira de Jesus

Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes/Ufes) – flavio2128@yahoo.com.br

Introdução

É certo que Karl Marx e Friedrich Engels nunca escreveram uma obra com algum tratado pedagógico, ou um sistema de ensino. Tampouco suas obras propõem o funcionamento de um sistema pedagógico como forma de potencializar os resultados dos estudantes em termos de aprendizagem crítica, ou uma educação para emancipação, ou ainda como campo da resistência. Isso pode fazer supor que um trabalho sobre as contribuições de Marx e Engels para o ensino e a educação seja sem sentido. No entanto, não se pode desprezar que, mesmo os dois não tendo escrito um livro sequer exclusivamente sobre a constituição de um novo sistema pedagógico, as referências acerca do assunto aparecem em todo lugar. Do ponto de vista teórico, não se pode desconsiderar a importância dessas referências e analisar como elas contribuem para o ensino e a educação.

Karl Heinrich Marx nasceu em 1818 e morreu em 1883. Intelectual alemão, filósofo, economista, historiador, teórico político e jornalista, fundou a doutrina comunista moderna. Suas ideias influenciaram diversas áreas. Criticava a sociedade do capital. Além disso, entendia que o trabalho é atividade fundadora da sociedade e que ele desenvolve-se de maneira social. Com efeito, a relação entre o homem social e a produção é que fundamenta a formação da sociedade. A partir desse conceito que destaca a alienação do trabalho. Para ele, apenas com a luta de classes seria possível que a sociedade humana progredisse (KONDER, 2011).

Friedrich Engels foi um filósofo alemão. Nasceu em 1820 e morreu em 1895. Juntamente com Marx, criou o socialismo científico. De família rica, passou a criticar o capitalismo após observar as péssimas condições de trabalho dos empregados da indústria de tecido do pai. Já



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

havia publicado outras obras quando, em 1848, publicou O Manifesto Comunista, juntamente com Marx. Patrocinou Marx para que escrevesse o primeiro volume de O Capital. Após a morte do amigo, escreveu a continuação do segundo volume e redigiu por completo o terceiro volume (HUNT, 2010).

Este texto trata-se de uma revisão de literatura baseada na análise de discurso com foco na educação. Para fugir um pouco de Lev Vygotsky, Célestin Freinet e Paulo Freire, que praticamente dominam as referências nos trabalhos acadêmicos quando se trata de autores de viés marxista na educação, optei por buscar as referências diretamente em Marx e em Engels sobre escola, ensino e educação de maneira geral.

Dominação

Os pensamentos de Marx e Engels sobre educação e ensino certamente não podem ser utilizados como ferramenta de solução dos problemas do ensino, entretanto servem de exercício teórico de debate de uma realidade das condições onde as relações de dominação não mais existam. Em suas publicações, a maioria das referências são críticas às situações que o capitalismo produziu. Essas críticas são direcionadas basicamente aos sistemas escolares inglês e prussiano e delas se estabelece um marco bem determinado: uma sociedade sem classes, uma sociedade de cidadãos iguais e que não haja relações de dominação.

Na primeira metade do século XIX o capitalismo consolida-se como modo de produção. Esse modo de produção, com seu produto social, a burguesia, é amplamente contestado. No movimento utópico socialista e anarquista, em que se contesta o que está estabelecido, a educação é um aspecto fundamental. A falta de atenção a aspectos da educação e do ensino nos primeiros anos do capitalismo (e que se arrasta até hoje), juntamente com as péssimas condições de trabalho dos operários (principalmente quando se trata da exploração da mulher e da criança) traz a questão educacional para o centro da importância do movimento de contestação. Socialistas e anarquistas apontam que o caminho, o instrumento para a transformação, o instrumento de emancipação, de libertação das condições de opressão, é a educação.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os textos de Marx e Engels trazem um ponto em especial: a divisão do trabalho e seus efeitos. Enfocam na divisão do trabalho advinda do modo de produzir capitalista para suas articulações acerca do tema ensino. Essa cisão demarca uma divisão radical entre os tipos de atividade e os tipos de aprendizagem, ponto chave na dinâmica de exploração dos trabalhadores (LOMBARDI, 2011).

Engels exemplifica que vigiar uma máquina não necessita de grande esforço intelectual do trabalhador. Ao mesmo tempo, no entanto, impede que seu espírito se ocupe de alguma outra coisa. Daí se depreendem duas consequências: de um lado, a base do enfrentamento de classe. De outro, torna-se limitação do pensamento do indivíduo. A primeira consequência é própria da exploração: a apropriação dos meios de produção e juntamente os meios culturais e científicos é que permite essa exploração. A segunda tem a ver com a formação do indivíduo, pois limita sua capacidade criadora. Esta seria a questão base da emancipação social e da emancipação humana, para Marx e Engels.

Acerca disso, são necessárias duas importantes reflexões. Uma: se a ciência e a técnica se incorporam à máquina, isso faz com que se exija um maior nível de qualificação do operário. Com isso, essa exigência de qualificação traz consigo a consolidação do sistema escolar institucionalizado. Outra reflexão: com o desenvolvimento da máquina, com a incorporação da ciência e da técnica a ela, isso só afetaria a força de trabalho, não a capacidade criadora do homem. A primeira afirmação é imbatível. O capitalismo trouxe consigo a necessidade de crescimento intelectual de qualquer indivíduo, institucionalizando o sistema escolar; os índices de analfabetismo caem à medida que as sociedades do campo viram sociedades industriais (LOMBARDI, 2011).

É notório o avanço intelectual e científico em relação aos séculos anteriores. Mas a pretensão de Marx e Engels não era o retorno à instrução pré-capitalista. Não se trata de voltar à educação da Bíblia, da família tradicional pré-capitalista. É uma crítica à instituição escolar e uma evidência à necessidade de mudá-la.

Escola para manutenção de poder

No início da industrialização, houve o aumento do trabalho simples, perda da capacidade artesanal existente, ampliação da exploração do trabalho infantil e feminino; as novas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

condições para estes dois eram inferiores às do trabalho no campo. Marx e Engels acreditavam ser uma situação provisória e que, com o necessário desenvolvimento cultural, adviria também o desenvolvimento das forças de produção. Não se tratava de Marx e Engels desejarem o retorno dos trabalhadores ao campo, com vida igualmente miserável. No Manifesto Comunista e em outros textos eles já apontavam: ensino gratuito e obrigatório para todas as crianças, a delimitação do trabalho das crianças, adolescentes e mulheres, entre outros pontos. Os dois demonstravam estar cientes das necessidades culturais que o novo modo de produção havia imposto às forças produtivas, mas ao mesmo tempo também estavam conscientes da incapacidade da burguesia em superá-los.

Nas referências que aparecem nos textos dos dois pensadores, destacam um modelo em que haja hegemonia do trabalhador, sem divisão do trabalho, com a felicidade no lugar da necessidade. Apontam a divisão entre o divino e o humano com a consolidação da visão cristã. Mas o indivíduo introduz outra divisão: entre o trabalho e o gozo. Com o desenvolvimento da manufatura, esta divisão torna-se a base do trabalho e da organização social. Com isso, aumenta a diferença entre o tempo destinado ao trabalho e o reservado ao gozo.

Estar em condições de gerar esta mais-valia é uma posição que somente pode ser atingida por meio de qualificação obtida em sistema escolar eficiente. Assim, o sistema pode ser entendido como qualificação da força de trabalho. Com efeito, seu sucesso será avaliado se conseguir ajustar o indivíduo ao sistema, para que não haja desperdício dessa força, de modo que seja muito bem aproveitada. Dessa maneira, não faz nada mais que reproduzir o sistema dominante.

A escola, tal qual como ela é, significa qualificação para a produção, o que é criticado por Marx e Engels. Deveria ser instrumento, meio para ajuste ou integração social. Em seus escritos, os dois demonstram que a escola, como aparato da ideologia, acentua a alienação da força de trabalho como algo natural. Acrescentam que a luta não necessita ser contra esta ou aquela ideologia, mas contra o caráter ideológico que a escola possui (o que não impede que se combata uma ou outra ideologia).

Marx e Engels também fazem referência ao ensino estatal. Eles apontam que o desenvolvimento da indústria e a consolidação do liberalismo transformaram o aparato



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

escolar. Até aquele instante, a educação familiar e a religiosa constituíam o modelo dominante. A escola especializada, ainda que em poucas disciplinas, como a medicina, era obviamente, minoritária. A institucionalização do aparato escolar veio com as necessidades tecnológicas e com as exigências liberais de compreender a educação, além do conhecimento como condição de igualdade entre os cidadãos.

Em suas reflexões, os autores salientam que, nos países em que se entendeu a educação como necessidade social simplesmente pelo fato de o cidadão ser cidadão, o ensino passou gradativamente a depender do Estado. No entanto isso foi muito lento e aconteceu, em grande parte, por pressão do movimento operário. Apenas no final do Século XIX o aparato escolar amplo e gratuito inicia-se como dependência do Estado, mas somente em alguns países. Em outros países, como o Estado burguês não dava conta, isso ficou a cargo de setores privados. Devido a isso, o aparato escolar assume diferentes aspectos nos países europeus.

Percebeu-se desde cedo, e hoje nos parece óbvio, que o ensino poderia ser um eficiente instrumento de dominação ideológica, ou seja, de manutenção da classe no poder. Assim, o aparato escolar é um braço da classe dominante. A igreja e a família, que eram as instituições de 'educação', de reprodução ideológica, entram em decadência, fato este acelerado pelo advento dos meios de comunicação em massa, que exercem com mais eficácia o papel de reprodução. A burguesia soube aproveitar-se do processo de escolarização. Um cenário interessante é que, com o analfabetismo dominante, não era viável a manutenção dos meios de comunicação de massa. Neste caso, o aparato escolar apresentava vantagens óbvias para a burguesia, alfabetizando as massas.

A dependência escolar do Estado não é de todo ruim, na visão de Marx e Engels. A proposta é um sistema de gestão compartilhado, com a participação de delegados pela parte dos operários.

Considerações finais

Mesmo que os escritos de Marx e Engels não constituam um sistema pedagógico, suas contribuições são muito relevantes para o meio educacional. Eles destacam a complexa articulação entre atividade escolar e meio histórico, partindo de uma análise por meio da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

divisão do trabalho nas formações sociais capitalistas. Vários autores captaram essa essência. Podemos citar Antonio Gramsci, que debate profundamente a teoria sempre com o foco da educação com a hegemonia do proletariado. Podem-se também incluir os textos e práticas de Proletkult e Makarenko, que preocuparam-se com a situação precária da educação da antiga União Soviética logo após a revolução, colocando que “as bases para a construção de um novo homem, de uma nova sociedade e uma nova história, são motivos que desenvolvem esse ponto de partida que foram Marx e Engels” (LOMBARDI, 2011, p.21).

Hoje, todos sabem da necessidade de rompimento com a educação adestradora, bancária, com predominância da passividade do estudante, sem ser reflexiva, sem promoção da integração social. Tomando as reflexões de Marx e Engels para esta crítica, deve-se adequar a literatura e suas propostas relativas à transformação radical no que se refere à atual divisão do trabalho.

Referências bibliográficas

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1986.

ENGELS, F. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. 3. ed. São Paulo: Global, 1980.

HUNT, T. **Comunista de Casaca: A Vida Revolucionária de Friedrich Engels**. São Paulo: Record, 2010.

KONDER, L. **Marx: Coleção Vida & Obra**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOMBARDI, J.C. **MARX & ENGELS: Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando, 2011.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política - Livro 1, Volume 1**. 7. ed. São Paulo: Difel, 1982.